

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

MARINA CANDIDO CARDOSO

A ESCOLA E A FAMÍLIA NO PROCESSO DA EDUCAÇÃO SEXUAL: O QUE A LITERATURA APRESENTA SOBRE O TEMA?

CURITIBA

2019

MARINA CANDIDO CARDOSO

**A ESCOLA E A FAMÍLIA NO PROCESSO DA EDUCAÇÃO SEXUAL: O QUE A
LITERATURA APRESENTA SOBRE O TEMA?**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial à obtenção do título de licenciada em Ciências Biológicas pelo curso de Ciências Biológicas, Setor de Ciências Biológicas, da Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Prof. Dr. Leandro Siqueira Palcha

Co-Orientadora: Prof.^a Dr.^a Araci Asinelli Luz

CURITIBA

2019

AGRADECIMENTOS

À minha mãe Sônia, por ter compartilhado esse sonho comigo.

Ao meu querido namorado Filipe, por todo amor e carinho e por me apoiar tanto em todos os momentos.

Ao professor Leandro Siqueira Palcha, por aceitar me orientar e de forma paciente e atenciosa me auxiliar na realização deste trabalho. À minha co-orientada, professora Araci Asinelli da Luz por compartilhar de sua experiência.

À minha amiga Fernanda, por estar presente em todos os momentos da minha vida. Ao meu amigo Tiago pela amizade que, desde o início da graduação, tornou tudo menos difícil. Às minhas amigas Lillian, Larissa, Isadora, Maria Augusta, Sofia, Bruna e Tainara, pela amizade, pelos momentos de lazer, pelas conversas e pela companhia que aliviou o peso da graduação e de morar longe da família.

A todos os educadores que fizeram parte da minha história, carrego uma parte de cada um comigo.

**“Educar é impregnar de sentido o que
fazemos a cada instante”
(Paulo Freire)**

RESUMO

A educação sexual surge como um tema desafiador para o atual cenário educativo brasileiro, em que o papel dos educadores vem sendo constantemente questionado. Muitos avanços ocorreram historicamente nessa área, tanto em questões de pesquisas quanto nas práticas com relação ao que vêm sendo abordado no contexto escolar. Há, com isso, uma necessidade de compreender de que forma as instituições família e escola podem atuar e vêm atuando no processo de educação sexual. O objetivo geral deste trabalho é analisar um panorama recente sobre as publicações em artigos de pesquisa, envolvendo a interface família e escola sobre o processo de educação sexual. Já os objetivos específicos residem em: realizar uma revisão de literatura que possa orientar uma compreensão sobre o tema; desenvolver uma pesquisa bibliográfica em banco de periódicos acerca de artigos de pesquisa sobre a relação entre família, escola e educação sexual; e relacionar as problemáticas apontadas pelos artigos às questões educativas. Em termos metodológicos, o estudo se fundamenta na tipologia de pesquisa de caráter bibliográfico e exploratório, assim foram definidas as palavras a serem utilizadas para as buscas por artigos, sendo realizado um levantamento bibliográfico que resultou em um total de 25 artigos, dos quais, 6 foram selecionados para a análise final. Conclui-se que uma investigação mais aprofundada acerca das concepções da família, sobre o tema, ainda se faz necessária para que se possa obter um conhecimento mais concreto sobre esse panorama e, dessa forma, permitir que novos projetos sejam estabelecidos pelas instituições de ensino e órgãos de implementação de políticas públicas.

Palavras-chave: Educação. Pesquisa bibliográfica. Sexualidade. Escola. Família.

ABSTRACT

Sex education appears as a challenging theme for the current Brazilian educational scenario, in which the role of educators has been constantly questioned. Historically, many advances have occurred in this area, both in research issues and in educational practices developed in the school context. Thus, there is a need to understand how family and school institutions can act and have been acting in the process of sex education. The main objective of this study is to analyze a recent overview of publications in research articles, involving the family and school interface on the process of sex education. The specific objectives are: to perform a literature review that can guide an understanding of the theme; develop a bibliographic research in a journal database about research articles on the relationship between family, school and sex education; and to relate the problems pointed by the articles to the educational questions. In methodological terms, the study is based on the typology of bibliographic and exploratory research, thus the words to be used to search for articles were defined, and a bibliographic survey was carried out that resulted in a total of 25 papers, of which 6 were selected for the final analysis. It is concluded that a deeper investigation into the family conceptions on the theme is still necessary to obtain a more concrete knowledge about this panorama and, this way, allow new projects to be established by educational institutions and public policy implementation.

Keywords: Education. Bibliographic research. Sexuality. School. Family.

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| 1 INTRODUÇÃO | 7 |
| 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA | 12 |
| 2.1 BREVE HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO SEXUAL NO BRASIL..... | 12 |
| 2.2 OS PAPÉIS SOCIAIS DA FAMÍLIA E DA ESCOLA..... | 14 |
| 2.3 OS PAPÉIS SOCIAIS DA FAMÍLIA E DA ESCOLA RELACIONADOS AO NO PROCESSO DE EDUCAÇÃO SEXUAL..... | 14 |
| 3 CAMINHOS TEÓRICOS-METODOLÓGICOS | 17 |
| 4 RESULTADOS E DISCUSSÃO | 19 |
| 4.1 DA PESQUISA E SEUS RESULTADOS..... | 19 |
| 4.2 DA ANÁLISE FINAL..... | 24 |
| 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS | 33 |
| REFERÊNCIAS | 35 |

1 INTRODUÇÃO

Com o objetivo de desenvolver um Trabalho de Conclusão de Curso, para o curso de Licenciatura em Ciências Biológicas, a Educação Sexual surge como um tema desafiador, que traz à tona o cenário brasileiro atual, em que o papel dos educadores, nesse contexto, vem sendo questionado constantemente.

Embora a disseminação de conhecimentos acerca da educação sexual tenha começado no século XVIII, somente na década de 1920 foram publicados os primeiros livros e trabalhos sobre o assunto (BUENO; RIBEIRO, 2018). Também nessa década, em 1928, foi aprovado, durante o Congresso Nacional de Educadores, o Programa de Educação Sexual nas escolas, somente para crianças acima de 11 anos (AQUINO; MARTELLI, 2012). Por repressão da população e da igreja católica que mantinha o domínio sobre a educação brasileira, o desenvolvimento da educação sexual ficou estagnado durante o período entre meados da década de 1930 e 1950 (SAYÃO, 1997). As lutas pelos direitos da mulher, dos homossexuais marcaram o início da década de 1960, num passo em que a sociedade passou a aceitar melhor as questões relacionadas a esse assunto (BUENO; RIBEIRO, 2018).

No entanto, com o Golpe Militar de 1964, a introdução de políticas que estabeleciam uma conduta de moralidade, por meio de uma política coerciva, acabou restringindo o avanço da educação sexual no país (CÉSAR, 2009). Na década de 1970, ainda sob certa censura, o ensino da educação sexual no Ensino Médio é aprovado com a implementação da Lei nº 5.692, de 11 de agosto de 1971, que fixa as Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º graus. Com a reabertura política, principalmente a partir da década de 1980, as lutas sociais foram retomadas e a educação sexual ganhou uma nova visão (CÉSAR, 2009). Na década de 1990 o MEC propõe a educação sexual nos Parâmetros Nacionais de Ensino (SAYÃO, 1997).

Desde então, muitos avanços ocorreram nessa área, tanto em questões de pesquisas e trabalhos publicados, quanto nas práticas com relação ao que vêm sendo abordado no contexto educacional. No entanto, uma “onda conservadora”, dentro do cenário sócio-político brasileiro, vem trazendo ameaças de retrocesso em diversas áreas como saúde, educação, direitos humanos e meio ambiente. Tais ideias conservadoras, muitas vezes, baseadas em causas religiosas, vêm sendo instauradas por um grande número de representantes políticos no Congresso Nacional, que

ameaçam, ainda, os direitos das mulheres e da comunidade LGBT, intensificando as desigualdades de gênero (BRANDÃO; LOPES, 2018). Um exemplo disso foi durante o processo de aprovação do PNE (projeto de lei nº 8.035/2010) em 2010, que gerou contestações por apresentar trechos que mencionavam “gênero” e só foi aprovado em 2014, após um longo período de discussão e alterações no texto. Tais contestações surgem devido a uma aversão à inclusão de gênero em documentos oficiais, por exemplo, vinda de segmentos religiosos que acreditam que a implementação dessa categoria nas políticas públicas, e no contexto social como um todo ameaça os princípios religiosos e a organização tradicional da família (MACHADO, 2018).

Nesse contexto, a sexualidade vem sendo apontada como algo restrito a ser tratado pela família (BRANDÃO; LOPES, 2018), ou ainda, há uma separação da educação sexual em dois vieses: o primeiro relacionado às questões biológicas, que seriam atribuídas como função da escola em ensinar e o segundo envolvendo questões que despertam maiores discussões sociais como gênero, orientação sexual, aborto, que seria função da família (FIGUEIRÓ, 2007). De fato, a família representa um espaço essencial para que tais tópicos sejam levantados junto aos jovens (NERY et al., 2015) e, em alguns momentos é apontada como principal responsável pela educação sexual dos adolescentes e jovens (PINHEIRO et al., 2017). Contudo, desenvolver esse tipo de assunto exige um preparo por parte dos pais ou responsáveis que nem sempre existe ou acaba sendo restringido por questões como desconforto e constrangimento, resultantes do tabu que ainda permeia os assuntos relacionados à sexualidade (NERY et al., 2015). Além disso, em alguns momentos, a família acaba sendo apontada como um empecilho para a educação sexual, principalmente quando influenciada por uma repressão moral e conservadora, ligada à religião, que rege que a sexualidade seria algo negativo e que seria incorreto tratar o assunto fora daquilo tido tradicionalmente como “normal”, como a heterossexualidade por exemplo (BRANDÃO; LOPES, 2018).

Depois da instituição familiar, a escola surge como principal território de sociabilidade entre os adolescentes e, por isso, leva o contexto da aprendizagem para algo muito mais amplo do que aquilo que está nos livros e conteúdos didáticos (MATOS, 2018). A instituição escolar está relacionada, também, com a formação e desenvolvimento social dos indivíduos e de suas capacidades (DESSEN; POLONIA, 2007) e entre os processos de aprendizados, a sexualidade aparece de forma natural (FIGUEIRÓ, 2009). A escola, por possuir uma diversidade social, pode ser

responsável por construir um espaço de respeito a tal diversidade, quando atores da comunidade escolar estão comprometidos com essa situação ou ainda, quando políticas públicas e diretrizes educacionais incentivam essas ações. No entanto, o obstáculo criado pelo conservadorismo, normalmente ligado a questões religiosas, impede, muitas vezes, a aprovação de políticas públicas com esses direcionamentos, reafirmando a necessidade da luta em estabelecer o Brasil como estado laico (BRANDÃO; LOPES, 2018). Restringir a educação sexual na escola, bem como o levantamento de questões relacionadas às questões de gênero e sexualidade, pode levar a construção de situações de violência de gênero, tanto no ambiente escolar como fora dele, uma vez que falar sobre o assunto pode ajudar a amenizar o machismo e preconceitos (BRANDÃO; LOPES, 2018).

Figueiró (2007) aponta a educação sexual como um direito do indivíduo que não só lhe confere aquisição de informações sobre o assunto, mas também a construção de um pensamento crítico, desconstrução de preconceitos e possibilidade de construir uma sexualidade de forma saudável e responsável. A falta de educação sexual, ou sua ineficiência, por sua vez, leva à desinformação que pode acarretar em problemas como a gravidez precoce e disseminação de Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST's) (BEAL et al., 2014), enquanto sua presença no cotidiano gera a possibilidade de prevenir ou amenizar problemas como a violência sexual, desigualdade de gênero, homofobia, por exemplo (ROSSAROLLA et al., 2018).

Durante a adolescência, que de acordo com a OMS corresponde a faixa etária entre 10 a 19 anos, o indivíduo passa por mudanças individuais, biológicas e sociais, que vêm acompanhadas de conflitos, insegurança e descobertas (LANDOR et al., 2011). Em meio a tudo isso, as manifestações da sexualidade surgem, com uma necessidade de serem trabalhadas, assim como todas essas outras questões, tão essenciais à existência humana (CARTER, 2012). É durante esse período que uma identidade é criada e os padrões de vida estabelecidos pelos seus pais deixam de ser unânimes (BEAL et al., 2014), uma vez que os adolescentes já são tidos como capazes de tomar certas decisões, inclusive acerca da sexualidade (BÉRIA et al., 1998).

Diante disso, surge a importância de se estabelecer o processo de educação sexual antes desse fenômeno se iniciarem, pois a puberdade vem acompanhada dessas alterações e estabelece a aptidão à sexualidade, uma vez que nesse momento o corpo do indivíduo atinge a maturidade sexual, no entanto, a maturidade psicológica

nem sempre acompanha esse processo, e a informação pode ser o melhor caminho para que isso ocorra, pois conhecer o que ocorre com o próprio corpo durante a fase da puberdade é a melhor forma de os adolescentes adquirirem responsabilidade sobre sua sexualidade (SPINOLA et al., 2017).

Com isso, há uma necessidade de compreender de que forma as instituições família e escola podem atuar e vêm atuando no processo de educação sexual. Pois, uma vez sendo conhecidas tais questões, a instituição de ensino torna-se capaz de intervir de forma adequada (MATOS, 2018).

O objetivo geral deste trabalho, portanto, é analisar um panorama recente sobre as publicações em artigos de pesquisa, envolvendo a interface família e escola sobre o processo de educação sexual. Como objetivos específicos o trabalho propõe: realizar uma revisão de literatura que possa orientar uma compreensão sobre o tema; desenvolver uma pesquisa bibliográfica em banco de periódicos acerca de artigos de pesquisa sobre a relação entre família, escola e educação sexual; e relacionar as problemáticas apontadas pelos artigos as práticas educativas.

Em termos metodológicos, convém esclarecer que, *a priori*, a pretensão do presente trabalho seria desenvolver uma pesquisa empírica coletando dados a partir das concepções dos pais de alunos de uma escola pública sobre o discurso da educação sexual. No entanto, devido as tramitações e encaminhamentos necessários para aprovação em comitê de ética, bem como ao tempo para apresentação deste trabalho para banca examinadora, optamos por apresentar neste texto apenas a pesquisa bibliográfica que compõe parte do projeto maior. Assim, espera-se que este trabalho possa permitir que em futuros projetos a escola, e demais instituições, possam atuar da melhor forma possível na educação sexual dos alunos, junto com a família, atendendo às demandas sociais, que envolvem essa temática.

Para tanto, o texto está organizado em 5 partes, sendo elas: Fundamentação Teórica; Caminhos Teóricos-Metodológicos; Resultados e Discussão; Considerações finais e Referências.

Inicialmente será apresentada uma breve fundamentação teórica acerca do tema trabalhado. Será dividido em 2 seções. Na primeira há um breve apanhado histórico da Educação Sexual no Brasil e na segunda são relatados alguns pontos relacionados ao papel social da família e da escola.

Em seguida, são descritos os caminhos teórico-metodológicos que deram origem a esse trabalho, sendo apresentada a tipologia da pesquisa, bem como são

descritos os bancos de dados utilizados, palavras-chaves e os critérios para construção do *corpus* de análise e para a análise final.

Então, são apresentados os resultados e discussões decorrentes de toda pesquisa e análises realizadas. Este capítulo é dividido em 2 subcapítulos um deles abordando a forma detalhada de levantamento dos artigos e outro a análise dos artigos selecionados de acordo com os critérios estabelecidos.

Por fim, são apresentadas as considerações finais acerca da realização do trabalho e, por fim, as referências bibliográficas.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 BREVE HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO SEXUAL NO BRASIL

De acordo com os registros na literatura, o conhecimento sobre a sexualidade já era disseminado aos alunos desde o século XVIII, embora isso fosse feito de forma repressiva, pois acreditava-se que coibir a sexualidade era a melhor forma de preservar a inocência das crianças (SAYÃO, 1997).

A partir do século XX, a educação sexual passa a ter maior importância para os currículos escolares (RIBEIRO, 2013). No início do século, o principal objetivo ao abordar essas questões era evitar doenças venéreas, a perversão moral e trazer a sexualidade com a função de reprodução da espécie e formação familiar (RIBEIRO, 2013; FIGUEIRÓ, 1998).

Segundo Figueiró (1998), a partir da década de 1920 surgiram os primeiros trabalhos com enfoque em educação sexual, no Brasil, que foram idealizados por educadores e médicos. Nessa época, o foco era as questões morais e higienistas levantadas desde o século XIX (RIBEIRO, 2013). No final da década, o Congresso Nacional aprova, sem aclamação de toda a população brasileira, uma proposta de educação sexual nas escolas. Tal contrariedade da população se dá, principalmente, por interferência da Igreja (CASTRO et al., 2004), já que, nessa época, ela tinha grande influência sobre os rumos da educação (ROSEMBERG, 1985). Essa situação gerou retrocessos e repressões contra defensores da educação sexual, até os anos 1950 (CASTRO et al., 2004).

A década de 1960, foi marcada por diversas lutas pelos direitos das mulheres, dos homossexuais, por exemplo, que tiveram reflexos na educação, visto que durante esse período a educação sexual passou a ser mais aceita pela população. No final da década, no entanto, o regime militar, resultante do Golpe Militar de 1964, afetou negativamente os trabalhos de educação sexual no Brasil (FIGUEIRÓ, 1998; CÉSAR, 2009). Dentre os empecilhos que surgiram durante esse período está a censura de diversos materiais como livros e jornais, e a adoção de uma política pró-natalista, na qual professores que disseminavam conhecimento sobre métodos anticoncepcionais, por exemplos, eram reprimidos (FIGUEIRÓ, 1998). Além disso, a exteriorização da sexualidade e as liberdades da população, também sofreram repressão, de modo que

o debate sobre o tema passou a ser restringido. Dentro desse contexto, alguns professores foram denunciados e algumas escolas foram fechadas, por manterem a tentativa de abordar questões dessa área (RIBEIRO, 2004).

Mesmo o país ainda vivendo o período da ditadura, no ano de 1977, com a implementação da Lei Nº 5.692, de 11 de agosto de 1971, que fixa Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º graus, um parecer com orientações para a inclusão da Educação Sexual no Ensino Médio foi determinado, mas ainda sob uma ótica conservadora (PINHEIRO, 1997). E um ano depois, ocorreu o I Congresso de Educação Sexual nas Escolas, que ganhou grande relevância por parte da mídia e da população, respondendo a uma necessidade social de se falar e ouvir sobre sexualidade (ROSEMBERG, 1985).

Na década de 1980, principalmente com a aprovação da Constituição Federal de 1988, que gerou um momento de maior valorização social, surgiram expectativas de sucesso em novos projetos na área da educação sexual, bem como, em 1990 com a criação do Estatuto da Criança e do Adolescente, e em 1996 com a nova LDB. Em 2001, foi publicado um documento, o Plano Nacional de Educação, que inclui a abordagem de gênero e sexualidade na educação Superior. No PNE seguinte, publicado em 2014, no entanto, não há direcionamento para a temática da Educação Sexual.

Como é possível perceber diante desse breve levantamento histórico, o contexto social e político reflete no andamento da temática Educação Sexual. Atualmente, o cenário político brasileiro vive uma ruptura social, formada durante o período eleitoral de 2018, onde dois lados opostos disputam por diferentes ideais: de um lado partidos de esquerda na luta por direitos sociais e pela solidificação dos direitos já alcançados e do outro, partidos de direita e movimentos conservadores gerando um retrocesso com relação à aquisição dos direitos sociais, inclusive dos direitos das mulheres e da comunidade LGBT, gerando mais ainda uma desigualdade de gênero (BRANDÃO; LOPES, 2018). Todo esse contexto, apresenta-se aos educadores como um desafio, de atender a demanda da geração atual, proporcionando condições para uma Educação Sexual adequada e eficiente. Esse desafio pode ser alcançado com maior êxito quando tal incumbência for dividida com a família, que também tem papel fundamental em todo esse processo.

2.2. OS PAPÉIS SOCIAIS DA FAMÍLIA E DA ESCOLA

Família e escola possuem a missão de formar cidadãos a partir de aspectos sociais, políticos e educacionais (REGO, 2003). As duas instituições estão intimamente ligadas ao desenvolvimento do indivíduo, mas por meio de experiências distintas (DESSEN; POLONIA, 2007).

A instituição familiar está presente em todas as sociedades e é considerada a primeira instituição social a qual o indivíduo pertence e está fortemente ligada à sua criação de visão de mundo (DESSEN; POLONIA, 2007), pois lhe transmite ideias, valores e crenças (KREPPNER, 2000). A família tem o papel de relacionar o sujeito à cultura por meio de particularidades que levam aos primórdios da aprendizagem e desenvolvimento cognitivo (DESSEN; POLONIA, 2007).

A escola, por sua vez, possui uma importante função na construção da aprendizagem, com diversidade de conhecimentos e por meio de diferentes tipos de atividades que devem compreender diferentes visões (MAHONEY, 2002). O ambiente escolar possibilita, ainda, o contato com essas diferentes visões, preparando o indivíduo para a vida em sociedade (OLIVEIRA, 2000). Por meio de um currículo pré-determinado, os objetivos e exercícios, propostos pela escola, acompanham a evolução e a experiência dos alunos, relacionando esses fatores ao conteúdo (DESSEN; POLONIA, 2007).

2.3 OS PAPÉIS SOCIAIS DA FAMÍLIA E DA ESCOLA RELACIONADOS AO PROCESSO DE EDUCAÇÃO SEXUAL

A família é fundamental dentro do processo de educação sexual e em determinados aspectos, é o principal espaço onde tal assunto deve ser desenvolvido (PINHEIRO et al., 2017). Mas é importante ressaltar a necessidade de um preparo para tratar tais questões, já que muitos fatores sociais ainda corroboram para que essa temática seja tratada com receio, devido a tabus que acabam gerando desconforto e constrangimento durante discussões sobre o tema (NERY et al., 2015). Talvez, devido a isso, o espaço familiar ainda acaba sendo mencionado como um fator que atrapalha o sucesso da educação sexual, pois pode ser fonte de repressão à

sexualidade, movida por questões religiosas e conservadoras (BRANDÃO; LOPES, 2018).

Surge, então, a instituição escolar, como um espaço de sociabilidade (MATOS, 2018), possuindo uma grande importância visto que está relacionada à formação e ao desenvolvimento dos indivíduos e de suas capacidades. Dessen e Polonia (2007) mencionam que a escola também:

[...] tem que lidar com as diferentes demandas do mundo globalizado. Uma de suas tarefas mais importantes, embora difícil de ser implementada, é preparar tanto alunos como professores e pais para viverem e superarem as dificuldades em um mundo de mudanças rápidas e de conflitos interpessoais, contribuindo para o processo de desenvolvimento do indivíduo (DESSEN; POLONIA, 2007, p.25).

Isso significa que a escola possui um papel que vai muito além de somente ensinar os conteúdos curriculares, ela representa um espaço de desenvolvimento social (MATOS, 2018).

Entre diversos fatores que estão relacionados ao desenvolvimento social do indivíduo, está a sexualidade que, como apontado por Spinola et al. (2017) tem grande relação com aspectos sociais e está ligado à características particularidades de cada indivíduo.

A sexualidade é um componente intrínseco da pessoa e fundamental na saúde de adolescentes e jovens, envolvendo aspectos biopsicossociais fortemente influenciados pelas crenças, valores pessoais e familiares, normas morais e tabus da sociedade. É, portanto, elemento importante na formação da identidade do sujeito (SPINOLA, 2017).

Em outras palavras, pode-se dizer que a sexualidade será manifestada de forma particular em cada indivíduo, o que deve ser respeitado e levado em consideração no momento de se trabalhar as questões que permeiam esse assunto.

Nesse sentido, o conhecimento sobre o posicionamento dos responsáveis para compreender como a escola pode atuar dentro da temática da educação sexual, dá-se como uma necessidade, uma vez que, os adolescentes mostram-se muito expostos a problemas como gravidez na adolescência, IST's, violência de gênero, assédio e violência sexual.

Com a ascensão da internet, os adolescentes acabam por buscar informações sobre sexualidade em fontes inadequadas, como a pornografia, por exemplo, o que resultou em um aumento significativo dos problemas listados anteriormente, e interferiu negativamente no diálogo familiar sobre esses assuntos, seja por constrangimento dos responsáveis, por não se sentirem preparados ou até mesmo

por acreditarem que a internet e outras fontes de informação vêm sendo suficientes para educar sexualmente. Diante de todas essas questões, vemos uma lacuna na educação sexual de adolescentes, o que gera problemas significativos para a sociedade como um todo, já que a descoberta da sexualidade é extremamente importante para o desenvolvimento humano e que nos mobiliza a analisar o panorama de publicações recentes sobre a temática em questão.

No próximo capítulo, serão apresentados os caminhos teóricos e metodológicos que guiaram a execução do presente trabalho.

3 CAMINHOS TEÓRICOS-METODOLÓGICOS

Este trabalho se baseou nos procedimentos teóricos e metodológicos condizentes com a perspectiva de pesquisa bibliográfica e exploratória.

Para Marconi e Lakatos (2017), a pesquisa bibliográfica abrange a literatura já tornada pública acerca de um tema de estudo, em fontes: como periódicos impressos ou eletrônicos; livros; meios de comunicação; teses ou dissertações entre outras. O propósito deste tipo de pesquisa, segundo as autoras, é colocar o pesquisador em contato direto com tudo que já foi produzido, escrito ou filmado sobre um determinado assunto, a fim de estudar não apenas os problemas já conhecidos, mas aqueles que emergem dentro de uma área.

A tipologia da presente pesquisa ainda pode ser associada com a denominação de pesquisa exploratória, pois, conforme Gil (2015, p.27), esta tem “o objetivo de proporcionar visão geral de tipo aproximativo, acerca de determinado fato. Este tipo de pesquisa é realizado especialmente quando o tema escolhido é pouco explorado e torna-se difícil sobre ele formular hipóteses precisas e operacionalizáveis”.

Assim, para a realização do trabalho, foram definidas as palavras a serem utilizadas para as buscas por artigos sobre a temática a ser trabalhada. Foram determinadas, então, as seguintes palavras-chaves: “educação sexual”, “escola” e “família”, pois tinham maior relação com o objetivo do trabalho. Para as buscas foi utilizada a combinação dessas três palavras-chave.

Em seguida, foram determinados os bancos de dados de trabalhos acadêmicos nos quais seriam realizadas as buscas. Os bancos de dados escolhidos foram, então, SciELO (*Scientific Electronic Library Online*) e Portal de Periódicos CAPES/MEC, devido a importância que ambos possuem para o meio acadêmico. As buscas foram feitas para artigos em Português, publicados no período que compreende os últimos três anos (2017-2019).

Tendo sido realizadas as buscas, foram tabulados os trabalhos encontrados, conforme a Tabela 1, e determinados os critérios de inclusão e exclusão dos trabalhos que seriam usados na análise final.

Os critérios de inclusão foram: i) pesquisas nacionais ii) pesquisas envolvendo educação sexual e questões relativas à família e à escola; b) pesquisas

compreendidas durante os três últimos anos (2019, 2018, 2017). Os critérios de exclusão foram: i) pesquisas não nacionais ii) pesquisas não envolvendo educação sexual e questões relativas à família e à escola; b) pesquisas não compreendidas durante os três últimos anos (2019, 2018, 2017).

Por fim, esses trabalhos selecionados foram analisados com base nos pontos que relacionam as instituições família e escola com o processo de Educação Sexual.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 DA PESQUISA E SEUS RESULTADOS

O SciELO funciona como uma biblioteca virtual de revistas científicas brasileiras, em formato eletrônico, sendo um dos principais bancos de dados de artigos acadêmicos no país. Esse foi o primeiro banco de dados utilizado para a busca por artigos, publicados nos últimos 3 anos (2017-2019), em português. A busca foi realizada pela combinação das seguintes palavras chave, diretamente relacionadas ao objetivo do trabalho, que estivessem contidas no artigo: “educação sexual”, “escola” e “família”. O resultado da pesquisa foi registrado na Tabela 1.

TABELA 1. RESULTADOS DA BUSCA POR ARTIGOS NO BANCO DE DADOS SCIELO.

| AUTOR(ES) | ARTIGO | ANO |
|----------------------------|---|------------|
| PINHEIRO; SILVA; TOURINHO. | “A estratégia saúde da família e a escola na educação sexual: uma perspectiva de intersectorialidade” | 2017 |

Fonte: A autora (2019)

O único artigo encontrado na busca, “A estratégia saúde da família e a escola na educação sexual: uma perspectiva de intersectorialidade” (Pinheiro, 2017), foi selecionado para a análise final. Como critérios de seleção foram utilizados a identificação de citações que apontam, discutem e/ou analisam, questões relacionadas a educação sexual e relações da família e da escola com esse contexto.

O segundo banco de dados consultado foi Portal de Periódicos CAPES/MEC, que também é uma biblioteca virtual e reúne e disponibiliza materiais de produção científica. Com a mesma metodologia da pesquisa anterior, apresentou um resultado de 25 trabalhos em português. Da mesma forma, foram tabulados os trabalhos encontrados, conforme a tabela 2, e foi realizada sua leitura, a fim de determinar quais poderiam ser utilizados na análise final.

TABELA 2. RESULTADOS DA BUSCA POR ARTIGOS NO BANCO DE DADOS PORTAL DE PERIÓDICOS CAPES/MEC.

| AUTOR(ES) | ARTIGO | ANO |
|-------------------------------|---|------------|
| PINHEIRO; SILVA; TOURINHO. | “A estratégia saúde da família e a escola na educação sexual: uma perspectiva de intersectorialidade” | 2017 |
| MAIA; VILAÇA | “Concepções de professores sobre a sexualidade de alunos e a sua formação em educação inclusiva” | 2017 |
| QUEIROZ; ALMEIDA | “Sexualidade na adolescência: potencialidades e dificuldades dos professores de ensino médio de uma escola estadual de Sorocaba” | 2017 |
| SANTOS | “Linguagem, Sexualidade e Educação: Pela Mão de Eddy Bellegueule” | 2018 |
| SILVA; DENARI; SANTOS | “Concepções de professores/as da rede estadual de ensino de São Paulo sobre educação sexual” | 2017 |
| BROL; MARTELLI | “Abordagem da sexualidade nas formações continuadas de professores e professoras da rede básica de ensino” | 2018 |
| FONTES et al. | “Fatores determinantes de conhecimentos, atitudes e práticas em DST/Aids e hepatites virais, entre jovens de 18 a 29 anos, no Brasil” | 2017 |
| ZUKOWSKY- TAVARES et al. | “Experiência de educação em Saúde sobre sexualidade com adolescentes institucionalizados” | 2017 |
| SPINOLA; BERIA; SCHERMANN | “Fatores associados à iniciação sexual em mães de 14 a 16 anos em Porto Alegre/RS, Brasil” | 2017 |
| SCHAEFER et al. | “Políticas de Saúde de adolescentes e jovens no contexto luso-brasileiro: especificidades e aproximações” | 2018 |
| ANDRADE | “Raça, gênero e sexualidade em livros didáticos” | 2018 |
| GUERIN et al. | “Promovendo educação em saúde no espaço não formal de aprendizagem” | 2017 |
| PRIOTTO; GOMES; BARBOSA | “Iniciação sexual e práticas contraceptivas de adolescentes na tríplice fronteira entre Brasil, Argentina e Paraguai.” | 2018 |
| DALLO; MARTINS | “Associação entre as condutas de risco do uso de álcool e sexo desprotegido em adolescentes numa cidade do Sul do Brasil” | 2018 |
| MACHADO | “O discurso cristão sobre a ‘ideologia de gênero’” | 2018 |
| COSTA et al. | “Fatores psicossociais enfrentados por grávidas na fase final da adolescência” | 2018 |

| | | |
|----------------------------|--|------|
| COSTA; NUNES | “Compreensão dos adolescentes sobre a prevenção e transmissão das infecções sexualmente transmissíveis em escolas do município de Presidente Médici, Rondônia, Brasil” | 2017 |
| MONTEIRO et al. | “DECIDIX: encontro da pedagogia Paulo Freire com os serious games no campo da educação em saúde com adolescentes” | 2018 |
| LUNA | “Morte por aborto clandestino na imprensa: Jandira, Elizângela e Operação Herodes” | 2017 |
| MACHADO; ABÍLIO; LACERDA | “Corpo e infecções sexualmente transmissíveis: análise dos conteúdos nos livros didáticos de ciências e biologia” | 2019 |
| BANDEIRA; COSTA | “De menina e de menino: A influência de pais e familiares na segregação de brinquedos e brincadeiras por gênero” | 2019 |
| SOUZA; SILVA; SANTOS | “Representações de docentes acerca da diversidade sexual e homofobia” | 2017 |
| CECCHETTO; MUNIZ; MONTEIRO | “A produção da vítima empreendedora de seu resgate social: juventudes, controles e envolvimento” | 2018 |
| SOUSA | “Cultura do estupro: prática e incitação à violência sexual contra mulheres” | 2017 |
| DENORA; ALVES | “Da dor solitária e das lágrimas que não se mostra: a criminalização do aborto como punição da sexualidade da mulher” | 2018 |

Fonte: A autora (2019)

Entre os artigos do Portal de Periódicos CAPES/MEC, tabulados acima, 6 foram selecionados para a análise final. Foram eles: “A estratégia saúde da família e a escola na educação sexual: uma perspectiva de intersetorialidade” (Pinheiro, 2017), que também foi selecionado na busca no SciELO; “Concepções de professores sobre a sexualidade de alunos e a sua formação em educação inclusiva” (Maia e Vilaça, 2017); “Sexualidade na adolescência: potencialidades e dificuldades dos professores de ensino médio de uma escola estadual de Sorocaba” (QUEIROZ; ALMEIDA, 2017); “Abordagem da sexualidade nas formações continuadas de professores e professoras da rede básica de ensino” (BROL; MARTELLI, 2018); “Fatores determinantes de conhecimentos, atitudes e práticas em DST/Aids e hepatites virais, entre jovens de 18 a 29 anos, no Brasil” (Fontes, 2017); “Fatores associados à iniciação sexual em mães de 14 a 16 anos em Porto Alegre/RS, Brasi” (SPINOLA et al., 2017).

Os trabalhos que não se adequaram aos critérios determinados para a análise final foram excluídos. Para demonstrar a motivação para exclusão dos trabalhos, eles serão descritos de forma breve, a seguir.

Santos (2018) apresenta neste trabalho, uma sobreposição da sexualidade, educação e linguagem, utilizando a obra do autor português Édouard Louis “Acabar com Eddy Bellegueule”. Por meio de passagens da obra, o autor realiza uma análise acerca de sexualidades masculinas e traz uma discussão sobre questões relacionadas com os sistemas heteronormativos e de poder.

Silva (2017) traz uma investigação com o objetivo de analisar as concepções de professores sobre educação sexual e detectar materiais didáticos utilizados na sua implementação. Além disso, sugere soluções para questões que surgem acerca dessa temática. Para a execução do trabalho o autor realizou uma coleta de dados por meio de entrevista a docentes da rede estadual de ensino de São Paulo/SP.

Tavares et al. (2017) tiveram como objetivo principal do trabalho, descrever um projeto de extensão universitária, realizado em São Paulo/SP, que trazia reflexões sobre sexualidade por meio da educação em saúde.

Schaefer (2018) buscou caracterizar a produção científica sobre políticas e programas de saúde de adolescentes, utilizando-se de revisão na literatura, buscando dados de estudos brasileiros e portugueses.

Andrade (2018) faz uma análise do livro “As políticas do livro didático e identidades sociais de raça, gênero, sexualidade e classe em livros didáticos”, organizado por Aparecida de Jesus Ferreira em 2014.

Guerin et al. (2017) realizaram seu estudo em um lar de adoção em Santiago/RS, com o objetivo de investigar o entendimento de residentes acerca de estilo de vida e, por meio de oficinas pedagógicas, buscaram possibilitar a promoção da saúde nesse espaço.

Dallo e Martins (2018) analisaram, por meio de pesquisa quantitativa, o comportamento de abuso de álcool e sexo desprotegido em escolares de uma cidade na região Sul brasileira.

Machado (2018) trata sobre o discurso cristão, que se refere a uma suposta “ideologia de gênero”, disseminado em nossa sociedade. A autora analisa como figuras religiosas difundem tal discurso e recusam a categoria gênero nas políticas públicas.

Costa (2018) teve o objetivo de conhecer questões psicossociais pelas quais adolescentes grávidas, de 15 a 19 anos, atendidas por uma Unidade de Atenção Primária à Saúde, de uma cidade da zona Norte do estado do Ceará, passam.

Costa e Nunes (2017) analisaram por meio de um questionário, aplicado antes e após oficinas de prevenção, o conhecimento, de adolescentes de 8ª a 9ª séries, da área urbana e rural, sobre DSTs/AIDS.

Priotto et al. (2018) buscaram determinar, na região de tríplice fronteira entre Foz do Iguaçu (Brasil), Ciudad del Este (Paraguai) e Puerto Iguazú (Argentina), o número de jovens entre 12 e 18 anos que já haviam iniciado a vida sexual, bem como os métodos contraceptivos usados por eles.

Monteiro et al. (2018) analisaram pontos positivos do DECIDIX, um jogo voltado para a saúde sexual. Para as análises foram utilizados dados coletados através de intervenções realizadas durante a validação do jogo. O referencial utilizado foi o de Paulo Freire, para educação sexual e reprodutiva de adolescentes.

Luna (2017) cita casos de morte por submissão a procedimentos de aborto clandestino, que chamaram a atenção da mídia em 2014, e a resposta do Estado a essa situação, que foi uma operação que buscava acabar com as clínicas de aborto clandestino. A partir disso, a autora analisa a cobertura da imprensa, através de clipagem sistemática, durante 3 meses no jornal O Globo, avaliando a abordagem da mídia sobre os envolvidos nessa questão.

Machado (2019) analisou qualitativamente a forma como são abordados nos livros didáticos os conteúdos relacionados a Corpo e Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST). Os livros analisados são das disciplinas de Ciências e Biologia, do Ensino Fundamental e Médio e passaram por aprovação do Programa Nacional do Livro Didático.

Bandeira e Da Costa (2019) buscaram analisar, em Pelotas/RS, por meio de questionários, se a escolha por brincadeiras e brinquedos de crianças é influenciada pelos seus responsáveis, devido ao seu sexo biológico e gênero.

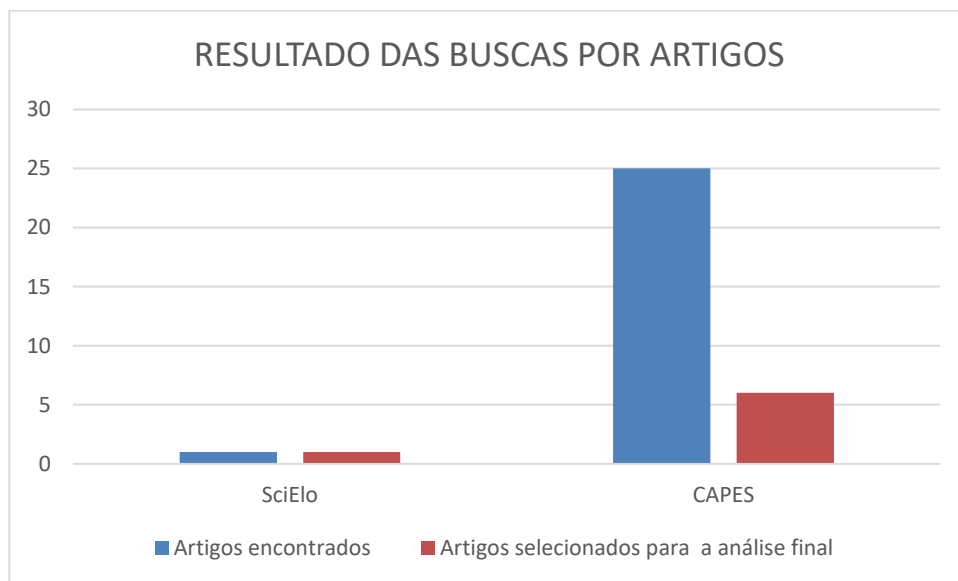
Cechetto et al. (2018) realizaram um trabalho, a partir de pesquisas etnográficas e entrevistas, que buscou trazer uma problematização sobre a juventude, vulnerabilidades e como isso reforça os estereótipos negativos em jovens pobres, que muitas vezes possuem sozinhos a responsabilidade de tomar providências pelo seu resgate social.

Sousa (2017) propõe uma reflexão sobre a cultura de estupro, apresentando a como uma forma de violência de gênero, buscando desconstruir a imagem da vítima e do estuprador, e apresentando o que de fato é estupro.

Denora e Alves (2018) buscaram criar reflexões acerca da legalização do aborto como medida de proteção à saúde da mulher. Utilizando-se de argumentos como o direito das mulheres pelo controle de seus corpos e com relação às questões legais e suas penalidades.

O Gráfico 1, a seguir resume os números resultantes das buscas, bem como do processo de seleção dos artigos.

GRÁFICO 1. RESULTADOS DA BUSCA POR ARTIGOS NOS BANCOS DE DADOS SCIELO E PORTAL DE PERIÓDICOS CAPES/MEC.



Fonte: A Autora (2019)

4.2 DA ANÁLISE FINAL

Após a leitura dos estudos citados no item anterior, foram selecionados 6 artigos a partir das buscas no Portal de Periódicos da Capes, e 1 artigo a partir das buscas no SciELO, no entanto, o artigo selecionado no SciELO também apareceu nas buscas da Capes, então, um total de 6 artigos farão parte desta análise, por atenderem ao critério estabelecido, de apresentar questões sobre educação sexual, relacionando a temática tanto com a o contexto familiar quanto escolar.

A análise realizada aqui, neste subcapítulo, busca descrever questões sociais que possuem relação com a educação sexual e são abordadas nos artigos estudados, e como os autores relacionam as esferas família e escola com tais questões.

O primeiro artigo analisado foi de Pinheiro, Silva e Tourinho (2017), denominado “A estratégia saúde da família e a escola na educação sexual: uma perspectiva de intersectorialidade”. O objetivo dos autores foi analisar a educação sexual de adolescente e jovens, a partir da intersectorialidade entre a saúde e a educação. Para isso, foram utilizadas entrevistas, com profissionais de ambas as áreas, e análise qualitativa, buscando conhecer o perfil das práticas pedagógicas e metodológicas, adotadas por professores e profissionais da Estratégia Saúde da Família, em um município amazonense e, também, como a educação e saúde atuam no trabalho de educação sexual (PINHEIRO; SILVA; TOURINHO, 2017).

Pinheiro, Silva e Tourinho (2017) apontam para uma necessidade de criação de novos métodos de se trabalhar educação sexual, uma vez que, no trabalho que desenvolveram, foram citadas, pelos profissionais, metodologias que já são aplicadas, mas que não dão conta de atingir a intersectorialidade que, como os autores citam, seria uma forma de facilitar a resolução de questões pertinentes, pois traz vieses de áreas de conhecimento diferentes.

Com relação ao contexto familiar, dentro da temática de educação sexual, Pinheiro, Silva e Tourinho (2017) apontam para uma necessidade não só de trabalho com os jovens, mas também com a família, mais precisamente com pais e responsáveis, para que possam dar continuidade ao processo de educação sexual realizado pela escola ou pelo setor da saúde.

Alguns participantes da pesquisa realizada, durante o trabalho de Pinheiro, Silva e Tourinho (2017), abordaram que, embora a família também tenha um importante papel em educar para a sexualidade, nem sempre está preparada para tal.

Para os participantes da pesquisa aqui apresentada, a família foi considerada a principal responsável pela educação sexual dos adolescentes e jovens. Entretanto, também a ela foram atribuídas características que dificultam o trabalho, tanto pelo setor saúde como pelo da educação. Os principais aspectos negativos da família foram a falta de conhecimento sobre o assunto para abordar com os filhos e a não aceitação das atividades sobre a temática desenvolvidas pela escola [...] (PINHEIRO; SILVA; TOURINHO, 2017).

Além disso, os autores falam como essa ação pode auxiliar no sucesso desse trabalho, principalmente se for capaz de reconhecer a função e os pontos positivos que cada esfera possui nesse contexto.

Assim como o despreparo da família, para trabalhar a educação sexual, a falta de preparo dos profissionais da educação também foi levantada pelos entrevistados.

Os autores trazem a discussão sobre uma falha na formação de professores, o que gera impacto sobre a educação brasileira em diversas áreas, mencionando que tal impacto pode ser notado dentro da área da educação sexual. Os autores relatam tal fato como algo que:

[...] gera expressiva preocupação de como e quando a escola estará em condições de desenvolver junto aos adolescentes e jovens um programa de educação sexual adequado. As falas de alguns professores refletiram subterfúgios do despreparo, que em determinadas situações levam os profissionais a desviarem do assunto, fingirem que não ouviram determinadas perguntas por não terem um embasamento teórico-científico para suprir a necessidade dos adolescentes e jovens com quem lidam rotineiramente (PINHEIRO; SILVA; TOURINHO, 2017).

Como uma saída para tais adversidades, os autores consideram políticas públicas já existentes e também a criação de novas medidas, que permitam que os profissionais estejam preparados para trabalhar a educação sexual. Além disso, como já mencionado, a comunicação entre os diferentes setores, é apontada como uma forma de difundir diferentes conhecimentos e elevar a eficiência desse tipo de trabalho.

O segundo artigo analisado foi o de Maia e Vilaça (2017) “Concepções de professores sobre a sexualidade de alunos e a sua formação em educação inclusiva”, que teve como objetivo realizar uma revisão de literatura, em bancos de dados da área da educação, que permitisse “analisar as concepções de professores sobre a sexualidade de alunos com deficiência intelectual” (MAIA; VILAÇA, 2017).

O tema abordado pelo artigo, segundo as próprias autoras, ainda esbarra no tabu envolvido com as questões sexuais. A pesquisa delas concluiu que, entre as preocupações acerca da sexualidade de indivíduos com deficiência, a deficiência intelectual é a mais inquietante e mais comumente abordada. Além disso, a falta de estudos, nessa área, abordando o papel dos educadores, e não somente de profissionais da saúde ou da família, é algo apontado como preocupante por Maia e Vilaça (2017). Com relação à concepção dos professores sobre educação sexual, alguns ainda não enxergam essa questão como seu papel.

Assim como no primeiro artigo analisado, Maia e Vilaça (2017) falam da necessidade de uma preparação, tanto destinada à família quanto aos professores, para ensinar sobre educação sexual para os jovens, mas acreditam que como essa educação, na escola, deve ocorrer dentro dos conteúdos ensinados, os professores devem ser o foco principal desse tipo de formação. As autoras mencionam, diversas

vezes, que sua pesquisa aponta para professores que ainda não se sentem preparados para trabalhar a educação sexual em sala de aula, como relatado no trecho a seguir:

A educação sexual na escola é uma proposta em muitos países, seja por recomendação, ou legislação, mas ainda é comum que muitos professores evitem realizá-la, quer por não a entenderem como necessária, quer por não se sentirem preparados a fazê-lo (MAIA; VILAÇA, 2017).

Maia e Vilaça (2017) falam da importância de seu trabalho como uma possibilidade de conhecer o perfil dos professores, o que torna possível a organização de cursos de formação docente, voltados para o conhecimento, mas também, para a construção de atitudes que envolvam receptividade e respeito, a fim desses profissionais se tornarem aptos a trabalhar a educação sexual de forma inclusiva.

Se pensarmos no professor como o responsável pela educação sexual na escola inclusiva, é imprescindível que esse professor seja alvo de investigação e de investimento. Levantar junto a professores suas dificuldades, expectativas, crenças e atitudes é importante para o estabelecimento de metas e para a elaboração de propostas que enriqueçam e complementem a formação de que eles necessitam. (MAIA; VILAÇA, 2017)

O terceiro artigo analisado foi “Sexualidade na adolescência: potencialidades e dificuldades dos professores de ensino médio de uma escola estadual de Sorocaba”, de Queiroz e Almeida (2017), cujo objetivo foi obter um perfil dos professores e apurar seus conhecimentos sobre sexualidade. O trabalho foi realizado em uma escola estadual, de Ensino Médio, em Sorocaba/SP, por meio de aplicação de questionários e uma pesquisa descritiva, com abordagem quanti-qualitativa.

Queiroz e Almeida (2017) se referem aos temas ligados à sexualidade como tabus, que ainda geram dificuldades para serem tratados pelos familiares. Segundo autoras, os pais acabam atribuindo tal função aos educadores que, por sua vez, nem sempre estão totalmente preparados para isso. Dessa forma, Queiroz e Almeida (2017) sugerem que perceber o conhecimento dos professores é fundamental para se tomar medidas perante sinais de despreparo desses profissionais. É abordado, ainda, que tais medidas devem ser tomadas por meio atualização e capacitação dos professores, e que elas contemplem não somente aprimorar conhecimento acerca do tema, mas também, tornem os professores capazes de gerar confiança nos alunos, para que possam sentir uma abertura para falar sobre sexualidade. Ao longo do

trabalho as autoras apresentam algumas respostas recebidas no questionário, que mostram como os professores entendem tal importância, como na menção a seguir:

[...] Do mesmo jeito que são espontâneos, existem outros mais reservados, então, sempre dou a oportunidade para que eles me procurem, e tento ser o mais claro possível. (P15). (QUEIROZ; ALMEIDA, 2017)

No geral, o trabalho mostrou que os professores que participaram da pesquisa vêm trabalhando a educação sexual na escola. As autoras abordaram em seus questionários a adolescência e a sexualidade, questionando, por exemplo, se a função da educação sexual deveria ser atribuída somente à família. Todos os participantes responderam negativamente, pois, embora a família seja citada como base fundamental, a escola e a sociedade, são indicadas como partes importantes nesse processo.

A escola possui uma condição diferente da familiar, contudo, cabe a ela discutir as questões ligadas à sexualidade, abordando diferentes pontos de vista, valores e crenças (QUEIROZ; ALMEIDA, 2017)

[...]a sociedade como um todo deve auxiliar o adolescente a se aprimorar no assunto (QUEIROZ; ALMEIDA, 2017)

Com relação ao papel da sociedade, o artigo fala, ainda que independentemente da forma como a família lida com a educação sexual, a sociedade acaba trazendo a temática da sexualidade para o cotidiano, mesmo que, acompanhada de tabus, preconceito ou questões distorcidas sobre o assunto. São indicadas como principais meios onde os adolescentes têm contato com o tema a televisão o rádio e as redes sociais.

O quarto artigo a ser analisado é o de Brol e Martelli (2018), “Abordagem da sexualidade nas formações continuadas de professores e professoras da rede básica de ensino”, que teve como objetivo realizar uma análise e quantificação dos cursos sobre sexualidade, realizados para professores da rede básica de ensino, em Cascavel/ PR, entre 2006 e 2016.

O trabalho foi realizado por meio de pesquisas, com questionários que foram aplicados a dez profissionais, sendo oito professoras e dois professores. Todos os participantes atuam há pelo menos 6 anos na educação e participaram de capacitações, com o perfil e tema em questão, entre os anos de 2006 e 2016. Dos participantes, 4 cursaram ou estão cursando uma pós-graduação e os demais, são graduados. Além dessa pesquisa, as autoras realizaram, também, um levantamento

para saber a quantidade de cursos de formação continuada foram ofertados pelo Núcleo Regional de Educação (NRE), Secretaria Municipal de Educação (SEMED) e pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste), entre os anos em que a pesquisa se baseou. O levantamento quantitativo realizado por Brol e Martelli (2018), indicou que, no total, durante o período analisado, 32 cursos foram disponibilizados pelas três instituições, sendo 17 pela UNIOESTE, 9 pela SEMED e 6 pelo NRE.

Com relação à família, sendo relacionada ao processo de educação sexual, as respostas aos questionários aplicados por Brol e Martelli (2018) indicam que alguns professores sentem dificuldades em trabalhar o assunto, devido a objeções familiares. Inclusive, foi levantada a questão de que, muitas famílias, não compreenderem a importância em se trabalhar tais ideias na escola. Já para as autoras, a promoção da educação por meio da escola é essencial, uma vez que:

A Educação Sexual que recebemos em casa ou nos grupos de amigos e/ ou conhecidos por vezes pode ser fragmentada, superficial, preconceituosa e/ou repressora. Dessa forma, há necessidade da escola promover Educação Sexual e, deve para isso, contar com professores e professoras informados, capacitados e seguros para que possam promovê-la, contribuindo para que seus alunos vivam sua sexualidade, de forma saudável, sem preconceitos e emancipatória (BROL; MARTELLI, 2018)

Enfim, por diversas vezes Brol e Martelli (2018) apontam a importância da preparação dos professores para que possam trabalhar a educação sexual na escola, mas não deixam de mencionar que a participação de outros atores dentro desse processo, como a família, é fundamental.

Entretanto, é indispensável além da formação inicial e continuada de professores e professoras, o envolvimento da família, gestores, equipe pedagógica e da comunidade escolar em geral (BROL; MARTELLI, 2018).

Brol e Martelli (2018) chegaram a conclusão, em seu trabalho, que existe uma demanda entre os professores, de realizarem cursos sobre sexualidade ao longo de suas carreiras, para que possam tratar dessa temática em sala de aula por meio de práticas pedagógicas reformuladas que os levem a um resultado mais satisfatório. As autoras tratam essa questão de reformulação pedagógica como uma necessidade, visto que, ao longo da história, a sexualidade foi tratada, muitas vezes, com certa repressão, vinda da própria escola, família, estado, igreja, medicina e, ainda hoje, é um tema que gera certo constrangimento e restrições. Por isso, as capacitações continuadas para professores são tão importantes, pois permitem discussões e criações de novas ideias a serem colocadas em prática. Brol e Martelli (2018) apontam

as discussões, reflexões e problematizações sobre o tema, como uma forma de fugir do padrão e quebrar preconceitos que surgem ao se trabalhar a educação sexual. Para elas, a escola está intimamente ligada a esse contexto, pois é uma instituição que possui a função de estimular discussões e levar ao pensamento crítico, buscando a construção da autonomia dos indivíduos e tornando-os capazes de garantir os direitos em sociedade. Além disso, o trabalho indica que a escola deve estimular o respeito, subjugar preconceitos e a heteronormatividade socialmente imposta.

O quinto artigo desta análise foi o de Fontes et al. (2017), denominado “Fatores determinantes de conhecimentos, atitudes e práticas em DST/Aids e hepatites virais, entre jovens de 18 a 29 anos, no Brasil”. O artigo teve como objetivo avaliar, por meio de entrevistas com jovens brasileiros de 18 a 29 anos, sua vulnerabilidade às DSTs/HIV Aids e Hepatites Virais. Com questões sobre conhecimentos, atitudes e práticas, que foram relacionadas, estatisticamente, em uma escala conforme poderiam ser um indicativo de vulnerabilidade ou prevenção às infecções pelas doenças referidas, o trabalho de Fontes et al. (2017) demonstrou que os jovens têm grande vulnerabilidade às DST’s investigadas, mas que possuem uma baixa percepção dos riscos a que estão suscetíveis. Tais dados são importantes para que o assunto seja levado em consideração nas ações políticas.

A pesquisa de Fontes et al. (2017) trouxe resultados que mostram que ter os pais como uma das fontes de educação sexual, seria um indicativo de menor risco de exposição às DST’s. No entanto, o artigo aborda que um dos assuntos menos tratados com os pais é, justamente, sexualidade e que, na verdade, amigos e colegas são a principal fonte de educação sexual para jovens.

Este resultado reforça diversos estudos já realizados sobre a importância dos pais na educação sexual dos filhos. Embora sejam citados amigos como a principal fonte de educação sexual e que pais, muitas vezes, estão em segundo plano, a importância do diálogo com estes não pode ser minimizada. Muito pelo contrário, o estudo demonstra que a associação entre níveis mais elevados de educação sexual e engajamento dos pais é significativa (FONTES et al., 2017).

Além da importância dos pais como agentes no processo de educação sexual dos jovens, o artigo aborda, ainda, a importância de outros adultos, como professores, por exemplo, que possam ser tomados como referência nas questões sobre sexualidade. Nesse contexto, os autores falam sobre a importância dessa temática ser tratada constantemente no ambiente escolar e, também, sobre a necessidade de

capacitação dos profissionais da educação para que possam ensinar esse conteúdo, tornando-se um parâmetro para seus alunos. Os autores comparam a importância que a educação sexual deveria ter na escola, com a importância que é dada às questões ambientais, por exemplo, visto que ambos os assuntos devem ser abordados em diferentes disciplinas, com diferentes enfoques.

Para Fontes et al. (2017) políticas públicas que incentivem um empenho de pais e professores em tratar questões sobre a sexualidade e que proporcionem espaços de debates e entendimento dessas questões, são ações que podem ser efetivas no processo de prevenção de DST's.

O sexto artigo analisado é o de Spinola et al. (2017), com o título "Fatores associados à iniciação sexual em mães de 14 a 16 anos em Porto Alegre/RS, Brasil". que teve como objetivo analisar os fatores ligados à iniciação sexual de mães adolescentes, de 14 a 16 anos, em Porto Alegre/RS. Por meio de coleta de dados a domicílio, foram relacionadas questões como idade da menarca, idade da iniciação sexual, grau de proximidade e idade dos parceiros sexuais.

O estudo chama a atenção para um dado que indica que a idade da primeira menstruação está relacionada com a idade de iniciação sexual das adolescentes. Ou seja, uma menarca precoce, geralmente, está relacionada a uma iniciação sexual também precoce. Os autores abordam o tema, levantando a questão de que, embora as adolescentes possam estar biologicamente preparadas para a reprodução, nem sempre estão suficientemente informadas acerca dos riscos de uma relação sexual desprotegida.

Devido a essas questões, Spinola et al. (2017) fala sobre a necessidade de se aplicar a educação sexual e informar as adolescentes sobre as questões de prevenção, contra IST's e gravidez indesejada. Além disso, os autores apontam a sexualidade como parte essencial na formação do indivíduo, não só estando relacionada às questões de saúde, mas também à sua construção social e moral.

Com relação a interface família-escola, nesse processo de busca por uma educação sexual adequada, Spinola et al. (2017) citam as rodas de conversa, entre pais e professores, como uma forma, desses dois atores, se tornarem mais abertos às conversas com os jovens, criando uma rede de confiança onde possam buscar informações sobre sexualidade, de forma adequada.

A participação da família, da escola e a implementação de campanhas voltadas à prevenção e promoção da saúde são necessárias para orientar os jovens com relação às DST e gestações não planejadas (SPINOLA et al., 2017)

É um ponto importante, levantado pelo estudo de Spinola et al. (2017) é de que a educação sexual ocorra antes do início da vida sexual dos adolescentes, uma vez que a informação sobre prevenção é a melhor forma de evitar os principais problemas levantados no trabalho - a gravidez precoce e IST's. Segundo os autores, o melhor momento para se iniciar tais reflexões é durante o começo da puberdade, onde a compreensão, acerca do que está ocorrendo com o próprio corpo, é a maneira mais plausível de os adolescentes construírem uma conduta de responsabilidade com si mesmos e com as relações sociais que venham a ter.

Enfim, após serem analisados os seis artigos selecionados e seus principais pontos para esta pesquisa, a análise foi encerrada.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao realizar este trabalho tive a oportunidade de conhecer mais sobre a temática da Educação Sexual e sobre a importância da interface família-escola dentro desse contexto e como tais pontos vem sendo tratados na literatura. Apesar de não ter sido possível realizar o trabalho exatamente como era a proposta inicial, encerro essa etapa bastante satisfeita com a experiência e aprendizado adquirido, sabendo que serão de grande valia para meu futuro como educadora.

O objetivo do trabalho foi analisar o panorama recente sobre as concepções que envolvem a família e a escola dentro do processo de educação sexual, e para isso foi realizado um levantamento bibliográfico, utilizando-se de palavras-chaves pré-determinadas, que resultou num total de 25 artigos, dos quais, 6 foram selecionados para a análise final.

Todos os trabalhos analisados referiam-se a família e escola como espaços fundamentais para o desenvolvimento de uma educação sexual satisfatória, cada uma dentro de suas responsabilidades e, em alguns momentos, ambas atuando em conjunto. Foram levantados por alguns autores questões que geram certa preocupação, como a falta de preparo para se tratar sobre sexualidade com os jovens. Essa falta de preparo é apontada como estando presente tanto nos professores, quanto nos pais e responsáveis. Entre os problemas sociais que a falta de uma educação sexual eficiente pode acarretar, as IST's e a gravidez precoce surgem mais comumente dentro das discussões nos artigos analisados, mas outros problemas também são apontados.

Trabalhar a educação sexual surge sempre como um desafio entre os educadores, devido aos tabus e repressão que, ainda hoje, envolvem esse tema, bem como mencionado por alguns dos autores nos trabalhos analisados. Como futura professora, acredito que esse desafio deve ser encarado, uma vez que nosso papel vai muito além de disseminar o conhecimento acadêmico. Nosso papel é também de participar da formação social de nossos alunos. E a sexualidade é uma parte importante desse processo de formação, sendo, portanto, fundamental que tratemos dela, e das problemáticas sociais que ela envolve, de forma eficaz.

Sendo capaz de apresentar uma perspectiva recente sobre a temática estudada, este estudo proporcionará uma base teórica para o desenvolvimento de

futuros projetos dentro da interface família-escola, no campo da educação sexual. Uma investigação mais aprofundada acerca das concepções da família, sobre o tema, ainda se faz necessária para que se possa obter um conhecimento mais concreto sobre esse panorama e, dessa forma, permitir que novos projetos sejam estabelecidos pelas instituições de ensino e órgãos de implementação de políticas públicas.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVAY, M.; CASTRO, M. G.; SILVA, L. B. **Juventudes e sexualidade**. Brasília, DF: UNESCO, agosto de 2004.
- ANDRADE, V. L. Raça, gênero e sexualidade em livros didáticos. **Revista Ártemis**, vol. 26 no 1 1. jul-dez, 2018. p. 406-410.
- AQUINO, C.; MARTELLI, A. Escola e educação sexual: uma relação necessária. **Anais**. IX Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul. Caxias do Sul, 2012.
- BANDEIRA, J. T.; COSTA, C. O. De menina e de menino: A influência de pais e familiares na segregação de brinquedos e brincadeiras por gênero. **Revista O social em questão**, vol 17, 32. 2014. p.257-276.
- BEAL, F.; FONTANA, B. H.; VICENTIN, D. P.; DUTRA, H. S. A. B.; ALVES, M. D.; KRIELOW, T. L.; FARIAS, W. E. Projeto Logos – Educação Sexual em Escolas de Ensino Médio. **Extensio**: Revista Eletronica de Extensão v. 11, n. 17, Florianópolis. 2014. p.80-100.
- BÉRIA, J.; OLIVEIRA O. M. F.; CARRET M. L. V. Adolescentes e DST/AIDS: pesquisa formativa em um estudo de intervenção. In: BÉRIA, J. **Ficar, transar... a sexualidade do adolescente em tempos de AIDS**. Tomo Editorial. Porto Alegre. 1998. p.111-25.
- BRANDÃO, E. R.; LOPES, R. F. F. “Não é competência do professor ser sexólogo” O debate público sobre gênero e sexualidade no Plano Nacional de Educação. **Civitas**, Porto Alegre, v. 18, n. 1. Jan-abr. 2018. p. 100-123.
- BROL, I. S.; MARTELLI, A. C. Abordagem da sexualidade nas formações continuadas professores e professoras da rede básica de ensino. **Revista Ártemis**, vol. 25, no 1. jan-jun. 2018. p. 274-291
- BUENO, R..C. P.; RIBEIRO, P. R. M. História da Educação Sexual no Brasil: Apontamentos Para Reflexão. RBSH - **Revista Brasileira de Sexualidade Humana**. 2018, 29(1). p. 49-56.
- CARTER, D.; Comprehensive sex education for teens is more effective than abstinence. **AJN, American Journal of Nursing**, vol 112, no 03. 2011
- CECCHETTO, F.; MUNIZ, J. O.; MONTEIRO, R. A. **A produção da vítima empreendedora de seu resgate social: juventudes, controles e envolvimentos**. Ciência & saúde coletiva vol.23 no.9. Rio de Janeiro. Set. 2018.
- CÉSAR, M. R. de A. **Lugar de sexo é na escola? Sexo, sexualidade e educação sexual**. In: Sexualidade; Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação. Departamento de Diversidades. Núcleo de Gênero e Diversidade Sexual. Curitiba, PR: SEED. 2009a.. p. 49 – 58.

COSTA, G. F.; SIQUEIRA, D. D.; ROCHA, F. A. A.; COSTA, F. B. C.; BRANCO, J. G. O. Fatores psicossociais enfrentados por grávidas na fase final da adolescência. **Revista Brasileira em Promoção da Saúde**, vol 31, no 2. 2018.

COSTA, I. D.; NUNES, N. N. S. Compreensão dos adolescentes sobre a prevenção e transmissão das infecções sexualmente transmissíveis em escolas do município de Presidente Médici, Rondônia, Brasil. **Acta Biomedica Brasiliensia**, vol 08, no 01. 2017.

DALLO, L, MARTINS, R. A. Associação entre as condutas de risco do uso de álcool e sexo desprotegido em adolescentes numa cidade do Sul do Brasil. **Ciências da saúde coletiva**, vol 23, no 1. p 303-314

DENORA, E. M.; ALVES, F. B.; Da dor solitária e das lágrimas que não se mostra: a criminalização do aborto como punição da sexualidade da mulher. **Revista de Direito Brasileira** , v. 20. 2018. p. 378-407.

DESSEN, M. A.; POLONIA, A. C. A família e a escola como contextos de desenvolvimento humano. **Paidéia** v. 17, n. 36, Ribeirão Preto. 2007. p. 22-25.

FIGUEIRÓ, M. N. D. Revendo a história da educação sexual no Brasil: ponto de partida para construção de um novo rumo. **Nuances**, vol 4. 1998. p. 123-133

FIGUEIRÓ, M. N. D. **Homossexualidade e educação: construindo o respeito e a diversidade**. Londrina: UEL. 2007. p. 28-129.

FIGUEIRÓ, M. N. D. **Educação sexual: em busca de mudanças**. Londrina: UEL, 2009.

FONTES, M. B.; CRIVELARO, R. C.; SCARTEZINI, A. M.; LIMA, D. D.; GARCIA, A. A.; FUJIOKA, R. T. **Fatores determinantes de conhecimentos, atitudes e práticas em DST/Aids e hepatites virais, entre jovens de 18 a 29 anos, no Brasil**. Ciências saúde coletiva, vol 22, no 4. 2017. p 1343-1352.

GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6.ed. São Paulo: Atlas. 2010.

GUERIN, C. S.; COUTINHO, C.; DAMACENO, F. M.; SOARES, N. M.; FRIGO, J. P.; SOARES, L. M.; Promovendo educação em saúde no espaço não formal de aprendizagem. **Revista Brasileira em Promoção da Saúde**, vol 30, no 1. 2017.
KREPPNER, K. The child and the family: Interdependence in developmental pathways. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, vol 16 no1. 2000. p.11-22.

LANDOR, A.; SIMONS, L .G; SIMONS, R. L.; BRODY, G. H.; GIBONS, F. X.; The role of religiosity in the relationship between parents, peers, and adolescent risky sexual behavior. **J Youth Adolesc**. Author manuscript; Jul, 2012.

LUNA, Naara. Morte por aborto clandestino na imprensa: Jandira, Elizângela e Operação Herodes. **Revista Estudos Feministas**, vol 25, no 03. 2017. p.1159-1181.

MACHADO, M. D. C. O discurso cristão sobre a “ideologia de gênero”. **Revista Estudos Feministas**, vol 26, no 2. jun. 2018.

MACHADO, M. G.; ABÍLIO, F. J. P.; LACERDA, D. O. Corpo e infecções sexualmente transmissíveis: análise dos conteúdos nos livros didáticos de ciências e biologia. **Sustinere Revista de Saúde e Educação** vol 7 no 1. 2019.

MACHADO, M. D. C. O discurso cristão sobre a “ideologia de gênero”. **Revista de Estudos Feministas**.vol.26, n.2, e47463. Jun 2018.

MAHONEY, A. A. Contribuições de H. Wallon para a reflexão sobre as questões educacionais. In V.S. Placco (Org.), **Psicologia & Educação: Revendo contribuições**. São Paulo. 2002. p. 9-32.

MAIA, A. C. B.; VILAÇA, T. Concepções de professores sobre a sexualidade de alunos e a sua formação em educação inclusiva. **Revista Educação Especial**, v. 30, no 59, set.-dez. 2017.

MARCONI, M.A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 8.ed. São Paulo: Atlas. 2010.

MATOS, M. C. C.; **Concepções de Pais de Estudantes do Sexto Ano do Ensino Fundamental Referentes à Educação Sexual na Escola**. Dissertação para o Programa de Pós-graduação Stricto Sensu Mestrado em Metodologias para o Ensino de Linguagens e Suas Tecnologias, Unopar, Londrina, Paraná, 2018.

MONTEIRO, R. J. S.; OLIVEIRA, M. P. C. A.; BELIAN, R. B.; LIMA, L. S.; SANTIAGO, M. E.; GONTIJO, D. T. DECIDIX: encontro da pedagogia Paulo Freire com os serious games no campo da educação em saúde com adolescentes. **Ciencias Saúde Coletiva**, vol 23 no 9. 2018. p.2951-2962

NERY, I. S.; FEITOSA, J. J. M.; SOUSA, A. F. L.; FERNANDES, A. C. N.; Abordagem da sexualidade no diálogo entre pais e adolescentes. **Acta Paulista de Enfermagem**. vol.28 no.3 São Paulo. Mai-jun. 2015.

OLIVEIRA, Z. M. R. Interações sociais e desenvolvimento: A perspectiva sociohistórica. **Caderno do CEDES**, 20. 2000. p. 62-77.

PINHEIRO, V. M. dos S. História recente da educação sexual na escola e da sexualidade no contexto da realidade brasileira. DST **Jornal Brasileiro de Doenças Sexualmente Transmissíveis**. vol 9, no 1. 1997. p. 4-8.

PRIOTTO, E. M. T. P.; GOMES, L. M. X.; BARBOSA, L. A. Iniciação sexual e práticas contraceptivas de adolescentes na tríplice fronteira entre Brasil, Argentina e Paraguai. **Revista Panamericana Salud Publica** 42, 07, jun. 2018

PINHEIRO, A. S.; SILVA, L. R. G.; TOURINHO, M. B. A. C. **A estratégia saúde da família e a escola na educação sexual**: uma perspectiva de intersectorialidade. Trabalho educação e saúde vol.15 no.3 Rio de Janeiro. Set-dez. 2017.

- QUEIROZ, V. R.; ALMEIDA, J. M. Sexualidade na adolescência: potencialidades e dificuldades dos professores de ensino médio de uma escola estadual de Sorocaba. **Revista da Faculdade de Ciências Médicas de Sorocaba** vol 19, no 4. 2017
- REGO, T. C. **Memórias de escola**: Cultura escolar e constituição de singularidades. Vozes. Petrópolis/RJ. 2003
- RIBEIRO, P. R. M. Os momentos históricos da educação sexual no Brasil. In P. R. M. Ribeiro (Org.). **Sexualidade e educação**: aproximações necessárias. São Paulo: Arte & Ciência, 2004. p. 15-25.
- ROSEMBERG, F. Educação sexual na escola. **Cadernos de Pesquisa**, no 53. p. 11-19. 1985.
- ROSSAROLLA, J. N.; SILVA, P. S.; MENDONÇA, J. G. R.; TELLES, L. C. M. S. A Formação de Educadores Sexuais na Licenciatura em Ciências Biológicas do IFRO – Campus Colorado do Oeste/RO. RIAEE – **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, v. 13, n. 1, Araraquara. Jan-mar. 2018. p. 175-189.
- SAYÃO, R. Saber o sexo? Os problemas da informação sexual e o papel da escola. In: AQUINO, J. G. (Org.). **Sexualidade na escola**: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus. 1997. p. 97-105.
- SANTOS, L. Linguagem, Sexualidade e Educação: Pela Mão de Eddy Bellegueule. Sisyphus **Journal of education**, vol 6, issue 1. 2018. p.62-78.
- SILVA, E. R. F. A.; DENARI, F. E.; SANTOS, M. A. Concepções de professores/as da rede estadual de ensino de São Paulo sobre educação sexual. **Revista Ártemis**, Vol. 24, no 01. Jul-dez. 2017. p 214-226
- SCHAEFER, R.; BARBIANI, R.; NORA, C. R. D.; VIEGAS, K.; LEAL, S. M. C.; LORA, P. S.; CICONET, R.; MICHELETTI, V. D. **Políticas de Saúde de adolescentes e jovens no contexto luso-brasileiro**: especificidades e aproximações. Ciências da saúde coletiva vol 23, no 9. 2018. p 2849-2858.
- SPINOLA, M. C. R.; BERIA, J. U.; SCHERMANN, L. B. Fatores associados à iniciação sexual em mães de 14 a 16 anos em Porto Alegre/RS, Brasil. **Ciência e Saúde Coletiva**, vol 22, no 11. 2017. p. 3755-3762
- SOUSA, R. F. Cultura do estupro: prática e incitação à violência sexual contra mulheres. **Revista Estudos Feministas** vol.25, n.1. 2017. p.9-29.
- SOUZA, E. J.; SILVA, J. P.; SANTOS, C. Representações de docentes acerca da diversidade sexual e homofobia. **Revista Estudos Feministas** vol.25 no.2. Florianópolis. May-aug. 2017.
- ZUKOWSKY-TAVARES, C.; SOUZA, A. C.; BRAGA, N. G. S.; LIMA, A. S.; SANTOS, D. C. FRANCICA, J. O.; COSTA, E. M. S. Experiência de educação em saúde sobre sexualidade com adolescentes institucionalizados. **Revista Brasileira em Promoção da Saúde**.vol 30, no 1. 2017.